



Universidade do Minho

UNIVERSIDADE DO MINHO

Instituto de Ciências Sociais

2º Ano do Curso de Ciências da Comunicação

Atelier de Imprensa

Docente: Joaquim Fidalgo

Discentes: Nuno Leite e Tiago Ramalho

“Jovens Agricultores”

Projeto Final

Esta agricultura não é só para velhos

A agricultura é uma área tradicionalmente para os mais velhos. Contudo, há quem se esforce por contrariar esta tendência e se aventure nos campos. Resta saber que apoios e que dificuldades enfrentam os jovens que atualmente se tentam afirmar num ramo tão pouco valorizado.



Ouvem-se os sinos a tocar. É domingo de manhã, mas Filipe Veríssimo trabalha desde cedo. Seca algum do arroz que produz. Para a máquina e pega uma mão cheia de arroz para mostrar como fica antes de ser branqueado.

No Baixo Mondego, o arroz é a cultura predominante entre os agricultores. Nesta altura, os campos verdejantes saltam à vista de quem passa por aqui. Em junho, é tempo de adubar terrenos. Auxiliados pelas máquinas que permitem poupar alguns esforços, os “arrozeiros”, têm agora em mãos a tarefa de controlar as águas, um trabalho mais cuidadoso, já que todos os detalhes importam.

Na freguesia de Alqueidão, no concelho da Figueira da Foz, não são só os mais velhos que se dedicam ao arroz. A maior parte dos habitantes já teve contacto com esta cultura, através de explorações familiares, sendo que se uns acabam por se dedicar a outras profissões, muitos apostam num ramo que tem atraído vários jovens.

Filipe, de 28 anos, é um destes casos. “Por causa da conjuntura económi-

ca comecei a ver as minhas opções e como já tinha o meu pai na área, era mais fácil entrar na agricultura”. Mas esse não foi sempre o seu sonho. Antes de optar por trabalhar com o pai, Filipe entrou na Universidade do Porto, em Ciências Farmacêuticas, na qual nem chegou a ingressar.

No entanto, ser jovem agricultor não é tarefa fácil. Filipe afirma que esta área “está em crescimento para quem continua o negócio dos pais” pois, “para quem começa do zero é uma incógnita, pode correr muito bem ou muito mal e passa o resto da vida a pagar créditos ao banco”.

A Quinta do Canal, na freguesia de Alqueidão, é o local de trabalho de Nuno Cruz, de 29 anos. Não é fácil lá chegar. O caminho em terra batida ladeia o Mondego e, até se encontrar o jovem agricultor, passa-se pelos cães que guardam a quinta. Nuno começou a trabalhar com o pai no fim do secundário mas, entretanto, assumiu o seu próprio negócio.

No caso do arroz, as associações não são tão fulcrais como noutras produções agrícolas já que, na maioria das vezes, os produtores negociam

diretamente com a indústria, como refere Nuno: “Já há muito que negocio diretamente”. O agricultor considera-se ainda “muito cético em relação às associações”, justificando-o com a falta de “um verdadeiro associativismo que diga ‘vamos trabalhar por um interesse comum e vamos fazer com que nivelem os preços’”. A onda de ceticismo de Nuno, estende-se aos apoios, como o Programa de Desenvolvimento Rural (PRODER) ou os apoios comunitários.

Apesar disso, muitos são os jovens que veem nestes apoios uma hipótese de começar ou desenvolver o seu negócio. Hugo Jordão começou a trabalhar com o pai nos campos de arroz desde muito novo e, hoje, com 22 anos, está a terminar o seu projeto. “Fiz um projeto no PRODER em 2013”, afirma Hugo, que utilizou os fundos para comprar equipamentos e melhorar as infraestruturas que possuía.

Junto a algumas das suas explorações, Hugo admite que a agricultura ainda é olhada de lado pela sociedade. Contudo, alerta para as mudanças que a tecnologia trouxe a esta área.



“A agricultura sempre foi vista como um trabalho duro, mas hoje também tem bastante tecnologia, mas as pessoas não sabem disso”, assegura. Filipe também o confirma: “Quando se semeava arroz punha-se umas canas para as pessoas irem com o trator e, hoje, já andas com o GPS e praticamente sozinho fazes esse trabalho”, conta.

O clima é o pior e o melhor amigo dos agricultores já que, os seus rendimentos dependem do tempo que se sente durante o ano. Nuno, de cigarro na mão e ensurdecido pelo latido dos seus cães, conta a história de um arrozeiro a quem as “Finanças lhe perguntaram sobre a quebra de rendimentos quando ele tinha vendido as mesmas toneladas de arroz num e noutro ano”. Estas alterações nos preços do produto afetam os agricultores, que vêm os seus lucros incertos.

Hoje está sol e, em casa de Filipe, já se cheira a comida. A mãe chama-o mas a conversa continua. Sem rodeios, afirma que “uns anos ganha-se mais, outros menos, mas é a vida”.



“Há futuro para os jovens agricultores”

Licenciada em Engenharia Agropecuária, Rosa Guilherme aborda a situação dos jovens agricultores em Portugal, um país no qual esta atividade tem “uma menor importância social”. A especialista destaca ainda o papel que as associações podem vir a ter no panorama nacional.



Pergunta – Como vê o panorama atual da agricultura?

Rosa Guilherme (RG)– Têm sido dados incentivos e mostras de muito interesse, nomeadamente do governo. Há incentivos à instalação de novos agricultores, mas assusta-me um pouco e, tenho tido conhecimentos de alguns casos que correm menos bem. Houve profissionais de outras áreas que viram na agricultura uma nova oportunidade, mas depois não há apoio à instalação destas pessoas. Elas decidem que querem desenvolver um projeto numa determinada área, mas nem sempre as condições físicas que reúnem são as mais adequadas. Essa vontade de mudar de área e de ter um futuro melhor muitas das vezes torna-se um pesadelo. Há casos de jovens que apostaram tudo o que tinham e, neste momento, se não fosse o apoio familiar estariam em graves dificuldades.

P- Que tipo de apoios existem para os jovens agricultores?

RG- Os apoios são estatais ou europeus, sendo depois ajustados a cada país. Tínhamos o apoio do ministério no que toca às zonas agrárias, ou seja, técnicos mais próximos dos agricultores, e esse apoio agora é quase inexistente. Há associações locais e também

regionais que apoiam os agricultores e os ajudam no próprio campo, no entanto têm um problema de financiamento.

“ Se vier uma intempérie, vai tudo por ‘água abaixo’ ”

P- Quais são os principais obstáculos que os jovens agricultores enfrentam?

RG- Logo à partida é necessário perceber se têm um terreno. Depois, outra dificuldade é o nível de formação na área, porque se for alguém com alguma afinidade ou algum histórico com a agricultura, será mais fácil. Se for alguém novo na área, tem de aprender muito, terá de ter um grande espírito de sacrifício. Outra questão, em termos sociais, é o ser agricultor, porque em muitas regiões do nosso país é uma atividade de menor importância social. Depois também em termos das exigências legais e, claro, pode estar tudo a correr bem, mas se vier uma intempérie, vai tudo por ‘água abaixo’.

P- Qual é o papel das associações e confederações na agricultura?

RG- Eu estive no que seria um grande projeto para a beira litoral, a Hortobeira, e o objetivo era reunir as principais produções e criar um preço base que fosse uma garantia para o produtor. Isso não funcionou porque alguns associados furaram o esquema. Em termos das associações locais e regionais, algumas funcionam muito bem, outras menos bem, mas acima de tudo há que cativar as pessoas e mostrar-lhes que o que se está a fazer é para o conjunto e não para o indivíduo em si, senão não conseguimos ter margem de manobra no mercado. E somos prejudicados por esse egoísmo.

P- Há futuro para os jovens no setor agrícola?

RG- (risos) Não seria correto da minha parte dizer outra coisa: há futuro para os jovens agricultores. Penso, aliás tenho a certeza, que há futuro para os jovens na agricultura. Mas é fundamental que, antes de se lançarem, falem com os mais experientes e tentem perceber o que é que o consumidor quer. Há nichos no mercado e não devem ir atrás de modas, porque se todos produzirmos o mesmo, amanhã deixa de ser preciso.

Nuno Leite e Tiago Ramalho

Ao ritmo do campo

A tarde de sábado na Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC) já vai longa. No meio do cenário rústico da instituição, um carro acelerado rompe com a tranquilidade existente. Vinda do recital de piano da filha, Rosa Guilherme, técnica superior na ESAC, chega, ao local onde trabalha, desabafando que a música é importante na sua vida.

“Sempre tive um carinho pela música, mas desde que a minha filha começou a tocar piano, despertei o meu lado musical”, revela.

Filha de agricultores, de uma aldeia

da Guarda, Rosa, de 45 anos, afirma que sempre teve uma grande ligação com a agricultura. “ Desde muito nova que comecei a acompanhar os meus pais. Eles tinham um pequeno comércio onde vendiam os seus produtos e eu ajudava-os sempre que podia”, confessa.

A paixão pela agricultura levou-a a ingressar num curso técnico-profissional de agropecuária, mas a escolha não foi fácil. “ Na minha altura, os pais queriam que os filhos fossem médicos, mas a agricultura foi sempre a minha paixão”, afirma.

Mas Rosa não desistiu. Depois do curso técnico-profissional, licenciou-se em Engenharia Agropecuária e concluiu o Mestrado em Ecologia. No entanto, Rosa não ficou por aqui. Este ano, irá assumir a responsabilidade da Agricultura Biológica da ESAC.

O tempo passa. Já são sete e meia da tarde. A biblioteca da ESAC vai fechar. Sorrindo, Rosa despede-se dos funcionários. Ao som das notas do piano da sua filha, Rosa pode aproveitar o tempo livre, mas o bichinho pelo trabalho agrícola não desaparece.



Nuno Leite e Tiago Ramalho